

Sobre MANUEL DA FONSECA

Apetece-me parar um dia numa esquina, entre a sombra e o sol e dizer: «Que coisa extraordinária que eu vivi!» e, se eu disser isto, é porque estou no bom caminho, que é esse de colecionar coisas extraordinárias. Estou a ser escritor. Porque ser escritor é também isso e porque não há nada mais, além disto, na literatura. É um grande murmúrio, um grande espanto, um grande assunto, se quisermos.

Manuel da FONSECA

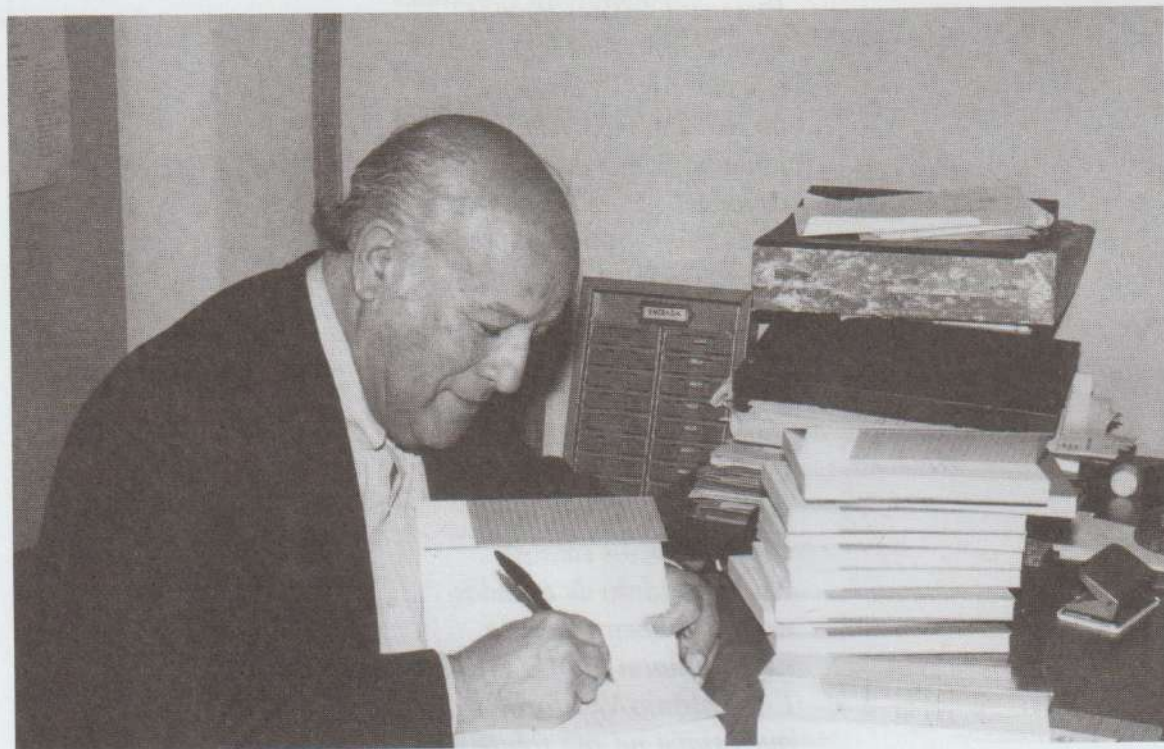


Foto: Artur da Fonseca

ESTRADAS

*Não era noite nem dia.
Eram campos, campos, campos
abertos num sonho quieto.
Eram cabeços redondos
de estevas adormecidas.
E barrancos entre encostas
cheias de azul e silêncio.
Silêncio que se derrama
pela terra escalavrada
e chega no horizonte
suando nuvens de sangue.
Era a hora do poente.
Quase noite e quase dia.*

*E nos campos, campos, campos
abertos num sonho quieto
sequer os passos de Nena
na branca estrada se ouviam.
Passavam árvores serenas,
nem as ramagens mexiam,
e Nena, para lá do morro,
na curva desaparecia.
Já da noite que avançava
os longes escureciam.
Já estranhos rumores de folhas
entre as esteveiras andavam,
quando, saindo um atalho,
veio à estrada um vulto esguio.
Tremeram os seios de Nena
sob o corpete justinho.
E uma oliveira amarela
debruçou-se da encosta
com os cabelos caídos!
Não era ladrão de estradas,
nem caminheiro pedinte,
nem nenhum maltês errante.
Era António Valmorim
que estava na sua frente.*

*– Ó Nena de Montes Velhos,
se te quisesses matar
quem te houvera de acudir?*

*Sob o corpete justinho
uniram-se os seios de Nena.
– Vai-te António Valmorim.*

*Não tenho medo da morte,
só tenho medo de ti.
Mas já a noite fechava
a saída dos caminhos.
Já do corpete bordado
os seios de Nena saíam
– como duas flores abertas
por escuras mãos amparadas!
Ai que perfume se eleva
do campo de rosmaninho!
Ai como a boca de Nena
se entreabre fria, fria!
Caiu-lhe da mão o saco
junto ao atalho das silvas
e sobre a sua cabeça
o céu de estrelas se abriu!*

*Ao longe subiu a lua
como um sol inda menino
passeando na charneca ...
Caminhos iluminados
eram fios correndo cerros.
Era um grito agudo e alto
que uma estrela cintilou.
Eram cabeços redondos
de estevas surpreendidas.
Eram campos, campos, campos
abertos de espanto e sonho...*

Manuel da Fonseca

Manuel da Fonseca, o escritor igual ao Homem

Manuel da Fonseca nasce em Santiago do Cacém, Baixo Alentejo, em 15 de outubro de 1911, numa casa de rés do chão, defronte das Escadinhas da Senhora do Monte, que desce ao largo que antigamente era o Centro do Mundo, com uma larga vista que corre por um grande vale até ao mar.

Em Cerromaior nasci.
Depois, quando as forças deram
para andar, desci ao largo.
Depois, tomei os caminhos
que haviam e mais outros que
depois desses eu sabia.

Vai para Lisboa ainda muito jovem e frequenta várias escolas até chegar às Belas Artes, que abandona nos primeiros anos, para se dedicar à escrita, formando com outros jovens, poetas, escritores e pintores o movimento chamado Neorrealismo e é considerado pelos críticos do seu tempo e os de hoje, entre os maiores escritores portugueses como poeta, contista e romancista, passando ainda pela crónica e novela.

Eu vou-me embora para além do Tejo
não posso mais ficar!

Já sei de cor os passos de cada dia,
na boca as mesmas palavras
batidas nos meus ouvidos...
– Ai as desgraças humanas destas paisagens iguais!...
Abro os olhos e não vejo
Já não ando, já não ouço...
Não posso mais...
Grita-me a vida de longe
e eu vou-me embora para além do Tejo.

Rebelde por natureza, luta com os seus companheiros, através da escrita e pintura, a lei estabelecida pelo opressor que dominava e reprimia pela força das armas e prisões, pela Polícia Política do Governo, PIDE.

Domingo que vem,

eu vou fazer as coisas mais belas
que um homem pode fazer na vida.

É preso e passa alguns meses no Forte de Caxias sem julgamento, por fazer parte de júri que atribuiu o 1.º Prémio da Sociedade de Escritores, ao romance *Luuanda*, da autoria do escritor angolano Luandino Vieira.

Do frio
da cela do forte
a mão acena.
Por sobre o rio
do lado Norte
a mão acena
por Helena.

Percorre todo o Baixo Alentejo, para viver entre os camponeses e tem o grande talento de saber ouvir os seus sofrimentos e dramas, para depois os escrever, tanto em verso como em prosa, como só ele o sabia fazer com as palavras certas de uma verdade real.

Caminhos do Alentejo.
Terras bravias de fomes
como pontas de navalhas
em esperas de encruzilhadas!
Caminhos do Alentejo.
desde valados e sebes,
searas, vilas e aldeias
e chuvas e descampados.
(Sem manta de me abrigar,
ai, sem Maria Campaniça!...)
Caminhos do Alentejo,
desde menino vos piso!

Mas acima da escrita, o maior prazer era estar entre amigos e gente do povo, numa conversa entre um copo de vinho tinto e uma linguça, a contar as suas histórias, até o sol nascer. Era viver, amar e ser amado.

Tu e eu meu amor
meu amor eu e tu
que o amor meu amor
é o nu contra o nu.

Nua nua a verdade
tão forte no criar
adulta humanidade
nu o querer e o lutar
dia a dia pelo que há de
os homens libertar
amor que a eternidade
é ser livre e amar.

É encontrado em casa em estado de coma profunda e levado de Santiago para Lisboa, onde morre oito dias depois no Hospital de S. José, em 11-3-1993.

Vai vida na madrugada fria
 O teu amante fica.
 na posse deste momento que foi teu
 amorfo e sem limites como um anjo,
 a cabeça cheia de estrelas...
 Fica abraçado a esta poeira que teu pé levantou
 Fica inútil e hirto como um deus
 desfalecendo na raiva por não poder seguir-te.

É acompanhado por largas centenas de pessoas ao Castelo, a sua última morada. Chove, ninguém arredou pé. O Alentejo chora a tua morte e ao seres sepultado rodeado por tanto povo, confirmaste o que pensaste na boca da velha Amanda Carrusca:

Digam à minha neta: Digam-lhe que ela tem razão: Um homem só não vale nada.

Artur da Fonseca
 Irmão do Autor. Agosto/2004

Uma não sei que ternura

Não conheci Manuel da Fonseca. Falarei dele na qualidade de leitora. A obra do escritor (constituída por poemas, romances, contos, micronarrativas, crónicas) é uma das minhas preferidas. Dada a limitação de espaço para este testemunho, justificarei as brevíssimas anotações recorrendo a excertos da poesia do autor [Retirados dos volumes *Rosa dos Ventos* (1940), *Planície* (1941) e *Poemas para Adriano* (1972), referidos aqui por, respetivamente, *RV*, *P*, *PpA*].

Manuel da Fonseca glosou temas e motivos literários a que dificilmente o leitor fica imune. A memória cruza-se com o tempo da primeira infância [«No colo da mãe / a criança / vai e vem/ vem e vai / balança» – «Menino» (*PpA*)], da entrada na escola e tomada de consciência do sentir [«Foi para a escola e aprendeu a ler / e as quatro operações, de cor e salteado. / Era um menino triste:/ nunca brincou no largo» – «Tragédia» (*P*)], bem como com o tempo da adolescência [«mistérios dos seios nascendo debaixo das blusas» – «Segundo dos Poemas da Infância» (*RV*)] e descoberta do amor [«Tu e eu meu amor/ meu amor eu e tu / que o amor meu amor / é o nu contra o nu» – «Tu e eu meu amor» (*PpA*)]. A solidão do sujeito-poético é plasmada numa temporalidade calma, que se confunde com a quietude da paisagem [«Não era noite nem dia. / Eram campos, campos, campos / abertos num sonho quieto» – «Estradas» (*P*)]. Esta aparente letargia conduz ao desejo de evasão [«Que ansiedade de mar largo, / ai que desejo de Vida!» – «Canção da beira-mar» (*RV*)], temperado com o anseio nobre de romper com o *establishment* social: «Quando chega domingo, / faço tenção de todas as coisas mais belas / que um homem pode fazer na vida» – «Domingo» (*RV*).

Tal nobreza de atitudes vem contagiada pela apologia da liberdade, individual («Fosse o que fosse / não tenho rota marcada/ ando ao sabor da maré» – «O vagabundo do mar» (RV)) e social – a que as figuras de vagabundos vários (dos espaços urbano e rural, da beira-mar...) dão corpo. A conceção (neorrealista) de poeta é a de quem «escreve poemas de revolta com tinta de sol na noite de angústia que pesa no mundo» – «Os olhos do poeta» (RV). Definido pela terna sinédoque «olhos molhados», o poeta é aquele que, até na hora de enfrentar a morte, se compromete a denunciar o sofrimento coletivo e individual; qual alquimia, no poema «Ruas da cidade» fundem-se delicadamente os temas indicados:

Ah, um dia, quando a morte chegar,
 hei-de erguer para ela os meus olhos molhados,
 hei-de contar-lhe a indiferença do mundo
 e a amargura dos altos sonhos desfeitos
 – assim como um menino fazendo queixas a sua mãe.

[«Ruas da cidade» (RV)]

A constante exortação a que tomemos em mãos o nosso destino [«Depois, tomei os caminhos / que havia e mais outros que / depois desses eu sabia» – «Mal-tês» (P)] e a arte de o dizer de forma tão sublime é o que mais me fascina na obra de Manuel da Fonseca.

Não conheci Manuel da Fonseca. E no entanto a escrita dele é-me calmo sobressalto. É como se ele me demonstrasse «uma não sei que ternura» – «Ruas da cidade» (RV) – permanente, que eu lhe retribuo, lendo-o (de preferência, em voz alta), relendo-o e dando-o a ler.

Violante F. Magalhães

Investigadora do Centro de Estudos Comparatistas
 da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Docente na Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa.

Toda a temática de Manuel da Fonseca se reduz a dois motivos, intimamente solidários, que, em vários tons e andamentos, sem cessar se repetem: uma ansiedade de viver em conflito com uma realidade social que torna essa vida impossível de ser plenamente vivida e uma decisão de intervir nos destinos do mundo, o que, optando por um ato de desespero, acaba por esbarrar com a sua própria ineficácia que, entretanto, se não reconhece como tal e torna, assim, possível o constante recomeço. [...] E é por aí, decerto, que a obra de Manuel da Fonseca atinge um valor de símbolo que excede o mundo pessoal do poeta, exprime um clima e nos faz compreender a aceitação invulgar e imediata que sempre a acolheu. Porque nos retrata. Porque ela sonha e grita, e, sonhando e gritando, sobretudo explica. Nos explica.

Dizem que a arte diretamente ligada à realidade imediata corre o perigo de desatualizar-se depressa. Que envelhece. Que passa. Sobretudo numa época em que tudo à nossa volta se altera com rapidez surpreendente. É bem possível que muitos terceiros-oficiais de finanças já não se reconheçam no «Romance do Terceiro-oficial de Finanças», nem no «Coro dos empregados da Câmara». Com efeito, talvez já não se aborreçam do mesmo modo. Devem já ter o seu automóvel (comprado a prestações), com que andam para trás e para diante nas ruas da vila e nas estradas que vão dar a outras vilas. [...] Certamente os rapazes do Largo se desinteressaram da Lua. Têm a televisão. O Largo deixou de ser o centro do mundo. É apenas um cruzamento de estradas.

Mas, apesar disso, através disso, contra isso – talvez por isso –, a poesia de Manuel da Fonseca continua a existir com a sua frescura inicial e a sua energia, a sua capacidade de comover e seduzir, o seu reservatório de sonho, o seu mistério. Porque, se algum mistério na poesia há, só pode ser interminavelmente descobrir e nos fazer descobrir que em cada coisa que o homem produz e em si produz – uma palavra, um ato de renúncia ou de revolta, um silêncio de espanto ou uma marcha Almadanim – em cada coisa, que sem ela morreria, sempre vive e arde uma riqueza interior que não se esgota, a lava da tal razão que a razão desconhece, uma força de prodígio, um apelo irresistível que vai do homem ao homem, que muda, mudará os homens e as coisas; o apelo que ilumina e aquece toda a obra de Manuel da Fonseca, todo o seu encantamento e toda a sua violência, toda a sua rudeza e toda a sua ternura: «Tu não ouves? Não ouves que nos chamam lá das nossas casas? É de lá, é de lá que gritam!...»

Mário Dionísio (1969)

In: *Obra Poética*. Prefácio à Edição de *Obra Poética*.
Lisboa: Ed. Caminho, 1984, pp. 19-39.

Evocação de Manuel da Fonseca

Quando se assinalam os cem anos do nascimento de Alves Redol e de Manuel da Fonseca, mais do que um balanço circunstanciado do movimento cabe fazer aqui a breve evocação de um episódio singular. Um episódio que, para mim, teve o sabor de uma confirmação.

No início dos anos 80 do século já passado, quando me encontrava a terminar a minha tese de doutoramento sobre o neorrealismo português, foi publicada uma reedição do romance *Cerromaior* de Manuel da Fonseca. O prólogo que o escritor antepôs a essa reedição ilustra bem as tensões internas que o neorrealismo conheceu e que desmentem uma coesão que só terá existido na imaginação de alguns. Para mim, que não vivera diretamente o movimento, esse texto testemunhal apontava, quase quarenta anos depois da primeira edição do romance, para

o interior do neorrealismo, um interior de onde era possível dizer, como Fonseca magoadamente lembrou, que, «além de não ser romance, o livro era reacionário.»

De certa forma Manuel da Fonseca era colocado, com as críticas que enfrentou, ao lado de poetas como João José Cochofel e Carlos de Oliveira, também eles objeto de reparos de teor semelhante. O que significa que, por força de incidentes destes, tardiamente dados a conhecer, a história do neorrealismo português está ainda incompleta.

Carlos Reis

Instituto de Língua e Literatura Portuguesas
da Faculdade de Letras de Coimbra

Convite para almoçar

Não me recordo quando e como é que o Manuel nos convidou para ir almoçar com ele e mais uma namorada que tinha na altura. Já estava divorciado da segunda mulher e estava em casa de um amigo que morava para os lados da Penha de França.

Chegamos à morada indicada, carregamos no botão da campainha vezes repetidas como ficara combinado, para indicar que éramos nós.

Aparece-nos à porta da rua o Manuel muito sorridente, acompanhado de uma senhora, que sem ser gorda, era enorme tanto em altura como em largura, trazia também o rosto rasgado de um sorriso aberto. Era alemã, o rosto limpo de qualquer pintura, tinha todo o aspeto de ser natural do Reno, Floresta Negra. Só lhe faltava vir vestida com uma saia e um colete de cabedal e chapéu com uma enorme pena.

Enquanto a senhora estava a falar com a minha mulher, o Manuel tocando-me no braço pergunta-me, se eu não estava com inveja dele. Como lhe tenha dito, que não via o porquê, ele diz-me, com um sorriso todo aberto e os olhos meio cerrados:

– Quando estou com ela, sobeja-me mulher por todos os lados.

Artur da Fonseca

Resumo biográfico do escritor Manuel da Fonseca

Nome completo: Manuel Lopes da Fonseca

Nome artístico: Manuel da Fonseca

Nasceu a: 15 de outubro de 1911

Faleceu a: 11 de março de 1993

Manuel Lopes da Fonseca nasceu em Santiago do Cacém, no Baixo Alentejo, distrito de Setúbal, concelho de Beja, onde vive os primeiros anos de vida, com os pais e depois com o avô¹, durante o tempo da fixação dos pais em Lisboa².

Descendente de avós oriundos de Castro Verde, «da parte do pai» e do Cercal da parte da mãe.

É em Santiago que tira o exame do quarto ano³ e sofre pela morte do irmão José três anos mais novo⁴.

Em Lisboa, frequenta várias escolas, entre elas, a Lusitânia, Liceu Camões e Escola das Belas Artes.

Trabalha como praticista na venda de artigos para escritórios. Numa drogaria e num laboratório de produtos farmacêuticos Bayer, como revisor de bulas.

Na secção de publicidade da Fábrica de Máquinas de Costura Oliva na «Marinha Grande»⁵ e em Agências de Publicidade, onde numa delas, estiveram empregados entre outros, Fernando Pessoa e Ary dos Santos.

Praticou vários desportos, como: futebol «Principiantes no Sporting». Boxe, «ganhando um campeonato nacional de médios». Esgrima, ténis, equitação e automobilismo no «4.º Rali do Estoril».

Casou três vezes, e teve um filho da primeira mulher.

Ia numa das carruagens que foram esmagadas pelo deslizamento de terras da encosta do Farol da Gibalta⁶ «Caxias, linha do Estoril». Num acidente bastante grave, onde morreram dezenas de pessoas esmagadas pelas terras e plataforma do farol, ficando somente com alguns ferimentos e muitas nódoas negras.

Fez parte do júri que deu o primeiro prémio ao romance *Luuanda* do escritor angolano Luandino Vieira, o que lhe valeu estar preso sem julgamento no Forte de Caxias durante muitos meses.

Passava grande parte do seu tempo, na companhia de camponeses e pescadores ouvindo as suas histórias de luta pela vida.

Começa muito novo a escrever poesia que o acompanha sempre, mesmo quando entra na prosa: argumento, crónica, novela, conto e romance.

É considerado, pelos intelectuais que viveram no seu tempo, um dos maiores prosadores e poetas portugueses e o maior contador de histórias, lamentando por ele não as ter escrito e que alguns aproveitaram para as escrever como suas.

Argumentista do filme: *Os Três da Vida Airada*.

Intérprete no filme: *O Trigo e o Joio*, retirado do livro de Fernando Namora com o mesmo título.

Escreveu ainda guiões para teatro e cinema, que se encontram inéditos.

Viveu em Lisboa⁷, Parede «Linha de Cascais», Beja⁸, Arrentela «Barreiro» e Santiago do Cacém no fim da vida⁹.

Durante muitos anos, passou o verão na Lagoa de Santo André¹⁰.

Tanto na prosa como na poesia, Rui e Álvaro Montes referem-se a si próprio, o primeiro em criança e o segundo em homem.

É encontrado na casa onde residia, em Santiago, em estado de coma, é levado para o Hospital de São José, Lisboa, sem ter voltado a si, falecendo passados oito dias.

Sepultado no Cemitério de Santiago do Cacém, é acompanhado por centenas de pessoas de todas as idades e classes sociais.

Algumas das crónicas e contos referentes aos acontecimentos:

- 1 – *A Torre da Má Hora*
- 2 – *Sete-estrela*
- 3 – *O retrato*
- 4 – *O primeiro camarada que ficou no caminho*
- 5 – *Um ano longe da cidade, I, II e III*
- 6 – *O desastre*
- 7 – *...E fecha a porta, O jogo do berlinde e outros jogos e Regresso à capital*
- 8 – *Noite de Natal*
- 9 – *Viagem, A harpa e O Largo*
- 10 – *Lagoa de Santo André, antes e depois e Viagem para o Sul*

PUBLICAÇÕES

Poesia

Rosa dos Ventos

Planície

Obra Poética

Contos

Aldeia Nova

O Fogo e as Cinzas

Tempo de Solidão

Um Anjo no Trapézio

À Lareira Onde o Retorta Tem o Café

O Vagabundo na Cidade

Gente na Paisagem

Romance

Cerromaior

Seara de Vento

Cinema

Argumento e Diálogo:

Os Três da Vida Airada

Ator

O Trigo e o Joio

Escreveu ainda, não publicado:

Marina

Argumento e Guião para filme, passado em Sines.

A Casa Cercada

Adaptação para Teatro do romance *Seara de Vento*.

Encontram-se ainda muitos contos e crônicas inéditas em meu poder e espalhadas por várias revistas e jornais.

Artur da Fonseca